



ARTIGO ORIGINAL

Crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre seu aprendizado: com foco na etnia e nível de proficiência em japonês

Beliefs of Brazilian learners of Japanese regarding their learning: with a focus on ethnicity and proficiency level in Japanese

Yûki Mukai^{ID}

Universidade de Brasília (UnB) – yuki@unb.br

Como citar o artigo

MUKAI, Y. Crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre seu aprendizado: com foco na etnia e nível de proficiência em japonês. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 23, n. 1, AG4, 2024.

Resumo

Esta pesquisa, com abordagem quantitativa, tem como objetivo investigar as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês em relação ao aprendizado e uso do japonês, com foco em sua etnia (nipo-brasileiros ou não) e nível de proficiência em japonês. Os resultados da análise fatorial dos 98 questionários obtidos revelaram a extração de cinco fatores: importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas, necessidade de gramática no aprendizado, interesse pelo Japão e intenção de visita, interesse na comunidade nipo-brasileira e relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço. Ficou evidente que o interesse pelo Japão e pela comunidade nipo-brasileira, assim como a importância da gramática no aprendizado, são fatores particularmente destacados em suas crenças de aprendizado.

Palavras-chave: Crenças. Aprendizes brasileiros de japonês. Descendentes de japoneses. Não descendentes de japoneses. Nível de proficiência.

Abstract

This quantitative research aims to investigate the beliefs of Brazilian learners of Japanese regarding the learning and use of the language, focusing on their ethnicity (Japanese Brazilians or non-Japanese Brazilians) and proficiency level in Japanese. The results from the factor analysis of the 98 collected questionnaires revealed five extracted factors: the importance of effort and awareness in language learning, the need for grammar in learning, the interest in Japan and intention to visit, the interest in the Japanese Brazilian community, and the relationship between achieving an advanced level and willingness/effort. It became evident that interest in Japan and the Japanese Brazilian community, as well as the importance of grammar in learning, are particularly prominent factors in their learning beliefs.

Keywords: Beliefs. Brazilian learners of Japanese. Japanese descendants. Non-Japanese descendants. Proficiency level.

Fonte de financiamento: Fundação de Apoio à Pesquisa do DF.

Conflito de interesse: O autor declara não existir.

Data de recebido: 03 Maio 2024. Data de aprovado: 28 Jun. 2024.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial No Derivative, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problematização

Entre os contextos do ensino de japonês, a América do Sul, especialmente o Brasil, é considerada singular. Isso se deve à presença da comunidade e das pessoas de ascendência japonesa formadas ao longo de mais de 100 anos. O Brasil é um dos países com o maior número de imigrantes japoneses no mundo, com cerca de 2 milhões de pessoas de ascendência japonesa (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023). Ademais, desde a década de 1980, particularmente nos anos 1990, os brasileiros de ascendência japonesa têm migrado para o Japão em busca de trabalho temporário, e atualmente cerca de 210.000 brasileiros residem no Japão (IMMIGRATION SERVICES AGENCY, 2024). Além desses aspectos, existem centenas de milhares de descendentes de japoneses que viajam entre o Brasil e o Japão em períodos de alguns anos, bem como aqueles que retornam permanentemente ao Brasil.

Levando em conta esse cenário, a categoria de “descendentes de japoneses (*nikkei*)” tem sido um dos elementos importantes na sociedade *nikkei* do Brasil e, conseqüentemente, no ensino de japonês no Brasil. Na sociedade *nikkei*, frequentemente ouvem-se os termos “descendentes de japoneses” e “não descendentes de japoneses”. Na área de ensino de japonês, também é comum a distinção entre professores/alunos descendentes de japoneses e não descendentes de japoneses. Uma pesquisa sobre a proporção de professores/alunos de japonês, seja de descendência japonesa ou não, realizada nas instituições educacionais públicas do Brasil (ensino fundamental, médio e superior), mostrou que, em 2009, a proporção de professores descendentes de japoneses era de 71,8%, enquanto em 2017 esse número diminuiu para 56,6%, indicando que, em ambos os momentos, a proporção de professores dessa categoria era maior. A exceção é encontrada apenas nas instituições de ensino superior, onde a proporção de professores não descendentes de japoneses é maior (YOSHIKAWA, 2018).

No entanto, embora o Brasil abrigue a maior população de descendentes de japoneses do mundo, isso não significa necessariamente que a população de aprendizes de japonês seja grande. De acordo com uma pesquisa institucional realizada pela Fundação Japão e pela associação *Japan Educational Exchanges and Services* no ano fiscal de 2021, o número de aprendizes de japonês no Brasil é de 20.732, colocando o país em 15º lugar no mundo (FUNDAÇÃO JAPÃO; JAPAN EDUCATIONAL EXCHANGES AND SERVICES, 2023). Isso mostra que o tamanho da população de descendentes de japoneses não se reflete nos números de aprendizes de japonês. Além disso, ao comparar as pesquisas institucionais realizadas pela Fundação Japão (2023) nos anos fiscais de 2018 e 2021, pode-se observar que o número de instituições de ensino de japonês no Brasil diminuiu de 380 para 261, uma redução de cerca de 31% devido aos impactos da pandemia de Covid-19, e tanto o número de professores quanto o de alunos estão diminuindo.

Quanto aos aprendizes de japonês no Brasil, de acordo com a pesquisa de Yoshikawa (2018) para o ano fiscal de 2017, mostrou-se que, em instituições de todos os níveis (ensino fundamental, médio e superior), a proporção de aprendizes não descendentes de japoneses é maior do que a de descendentes de japoneses. Embora o número de instituições e o número total de professores e alunos de japonês estejam diminuindo devido à pandemia, a proporção de aprendizes não descendentes de japoneses está aumentando. Com base nisso, a Fundação Japão (2023, p. 54) concluiu que “embora muitos dos aprendizes de japonês no Brasil tenham raízes no Japão, poucos têm consciência de aprender a língua japonesa como uma língua de herança e a utilizam em suas casas”. Levando em consideração esse contexto, Yoshikawa (2018) observa que o ensino de japonês, historicamente centrado nos descendentes de japoneses, já passou por mudanças. Ou seja, o foco dos aprendizes de japonês no Brasil não é mais nos descendentes de japoneses, mas, sim, nos não descendentes, e pode-se dizer que o ensino de japonês não é apenas de uma herança linguística, mas, sim, de aprender uma língua estrangeira (MORALES, 2008).

Assim, com essas mudanças significativas no perfil dos aprendizes de japonês no Brasil, há espaço para investigar as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês por meio de uma abordagem quantitativa, para entender melhor o panorama geral de suas crenças de aprendizado. De fato, estudos sobre as crenças dos aprendizes de japonês em relação ao ensino e aprendizado do mesmo idioma no Brasil são relativamente raros em comparação com outros idiomas (MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012). Embora haja pesquisas qualitativas realizadas em uma instituição de ensino superior no Brasil por Mukai (2014) e pesquisas quantitativas conduzidas em duas instituições de ensino superior no Brasil por Abe (2019), esses estudos são limitados em termos de região, contexto de pesquisa (apenas em sala de aula) e sujeitos pesquisados. Portanto, pode-se dizer que o quadro completo das crenças dos aprendizes de japonês no Brasil sobre o ensino e aprendizado de japonês ainda não foi completamente revelado.

Por exemplo, embora se observe entre os aprendizes brasileiros de japonês a crença de que “a gramática é importante” em níveis iniciantes (MUKAI, 2014; 2016; VASCONCELLOS; MUKAI, 2021), parece não haver estudos sobre as crenças dos aprendizes em níveis avançados em relação à gramática e como eles percebem e utilizam o japonês. Além disso, também se pode destacar o problema de muitos aprendizes que estudam japonês em universidades brasileiras não alcançarem níveis avançados e se formarem antes disso (ALBUQUERQUE, 2012; BRITO, 2013). Especialmente em relação aos aprendizes avançados, que são muito poucos nas instituições de ensino superior no Brasil, suas crenças também não foram claramente delineadas.

De acordo com uma pesquisa institucional realizada pela Fundação Japão (2023) no ano fiscal de 2021, mais da metade do total de aprendizes de japonês no Brasil estuda a língua fora do sistema oficial de ensino (por exemplo, em escolas de idiomas, cursos particulares, aulas individuais etc.).

Diante do exposto, este estudo optou por realizar uma pesquisa quantitativa sobre as crenças de aprendizes brasileiros de japonês no Brasil e no Japão, sem restrições quanto à filiação a instituições educacionais. Ademais, foi analisado se há diferenças nas crenças sobre a aprendizagem do japonês entre aprendizes descendentes de japoneses e não descendentes de japoneses, bem como entre aqueles nos níveis básico/intermediário e avançado.

1.2 Objetivo e questões de pesquisa

Com base nos problemas mencionados anteriormente, pode-se dizer que as investigações sobre as crenças relacionadas ao ensino e aprendizado de japonês por parte de brasileiros, cuja língua materna é o português, são limitadas em termos de região, contexto de pesquisa e participantes. Especificamente, dado que estudos anteriores se concentram em aprendizes em sala de aula, há pouca pesquisa que inclua aprendizes que estudam fora desse contexto. Além disso, não parece haver estudos que abordem as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês divididos em nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros, nem pesquisas que tratem das crenças de aprendizes brasileiros de japonês em níveis avançados. Em outras palavras, ainda não está claro o panorama geral das crenças relacionadas ao ensino e aprendizado de japonês por parte de brasileiros.

Assente nisso, este estudo visa analisar as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês em relação ao aprendizado e uso do japonês, com foco em sua etnia (nipo-brasileiros ou não) e nível de proficiência em japonês, ampliando o escopo dos participantes e, em última análise, obter *insights* (percepções) para fornecer um suporte eficaz aos aprendizes que não conseguem alcançar o nível avançado. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidas as seguintes questões de pesquisa:

Questão de pesquisa 1: “Quais são as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre seu próprio aprendizado e uso de japonês?”

Questão de pesquisa 2: “As crenças dos aprendizes brasileiros de japonês variam de acordo com a etnia (nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros) e o nível de proficiência em japonês?”

2 CRENÇAS

2.1 Conceitos de crenças

No aprendizado de línguas estrangeiras, acredita-se que diversas crenças dos aprendizes influenciam atitudes de aprendizagem, motivação, métodos de aprendizado específicos e desempenhos obtidos. Essas crenças são formadas por meio do ambiente social, experiências passadas de aprendizagem e experiências de vida, e têm características de estabilidade e dificuldade de mudança, podendo, às vezes, refletir preconceitos ou distorções (YONEYAMA, 2011). Logo, entender com precisão as crenças dos aprendizes é o primeiro passo para um ensino eficaz, ou seja, os estudos de crenças na Linguística Aplicada (LA) são importantes para entender atitudes, motivação, métodos de aprendizagem dos aprendizes, e sua análise pode contribuir para métodos de ensino eficazes.

Horwitz (1985; 1987), Wenden (1986; 1987; 1999), Hosenfeld (2003) e Barcelos (2004; 2006; 2007) focam nos aspectos psicológicos dos aprendizes, enfatizando a importância das atitudes e crenças no aprendizado de línguas. Na LA, estudos examinam como esses fatores psicológicos afetam aquisição e ensino de línguas, visando sua aplicação prática.

Horwitz (1985; 1987) conduziu estudos quantitativos sobre como as crenças e atitudes dos aprendizes afetam os resultados da aprendizagem de línguas, considerando as crenças como algo fundamentalmente estável. Wenden (1986; 1987; 1999) realizou pesquisas quantitativas investigando como as percepções e crenças dos aprendizes afetam os resultados da aprendizagem, tratando as crenças como conhecimento metacognitivo. *Metacognição* refere-se ao processo de conhecer o próprio conhecimento, ou seja, os aprendizes compreendem suas próprias cognições e ações (observações internas) para capturar as crenças (TAKII, 2022).

Por outro lado, Hosenfeld (2003) e Barcelos (2004; 2006; 2007), que conduziram pesquisas qualitativas, apoiaram-se na teoria experiencial, argumentando que as crenças não são apenas teorias ou conceitos abstratos, mas, sim, produtos de experiências individuais e mutáveis (DEWEY, 1938). Especificamente, eles pesquisaram como as crenças e percepções dos aprendizes afetam as dificuldades de aprendizado de línguas, vendo as crenças como parte do que é constituído por suas próprias experiências e podem ser transformadas ou emergir de novo. Nesse quadro teórico, as crenças são consideradas não apenas conceitos cognitivos, mas também sociais (BARCELOS, 2004), nascendo da capacidade de reflexão sobre o que está ao redor do indivíduo, incluindo suas próprias experiências, problemas e contexto social (BARCELOS, 2004).

Sobre as crenças dos aprendizes especificamente, Kawaguchi e Yokomizo (2005, p. 129, tradução nossa) as definem como “imagens que os aprendizes têm sobre como deveriam ser o aprendizado e o ensino em sua cultura e sociedade, e sobre o método de aprendizado que consideram mais familiar e confortável”. Já Takii (2022, p. 77, tradução nossa), que conduziu uma pesquisa qualitativa sobre as crenças dos aprendizes tailandeses de japonês, conceitua as crenças como “pensamentos e atitudes em relação à aprendizagem de línguas, que mudam à medida que os aprendizes interagem na sociedade”, e argumenta que “as crenças de aprendizagem de línguas são formadas sob a influência da educação e do ambiente social em seu país de origem, bem como de fatores culturais” (TAKII, 2022, p. 65, tradução nossa).

Assim, as crenças são consideradas como formadas com base nas experiências individuais e podem ser modificadas. Portanto, este estudo apoia-se na teoria da experiência de Dewey (1938) e no arcabouço teórico de Takii (2022).

2.2 Pesquisas prévias sobre crenças

As pesquisas anteriores sobre crenças no campo do ensino de japonês no Brasil são detalhadas por Mukai (2016)¹.

Fukushi e Mukai (2012) focaram na metodologia de ensino e nas crenças dos alunos e professora envolvidos na disciplina “Expressão Oral em Japonês Intermediário 1” em uma universidade pública brasileira, conduzindo uma investigação qualitativa de estudo de casos. Os participantes da pesquisa incluíram sete alunos matriculados na referida disciplina e a professora responsável. Os dados foram coletados por meio de questionários semiestruturados, observações de aulas, gravações de áudio das aulas e entrevistas semiestruturadas. Os resultados da análise indicaram que as crenças da professora estavam relacionadas ao método de gramática-tradução, mas, na prática, ela utilizava abordagens direta e comunicativa durante as aulas. Os alunos acreditavam que a habilidade de produção oral era a mais importante e a mais difícil de dominar. Além disso, ficou evidente que os alunos estavam insatisfeitos com sua habilidade em se expressar na língua-alvo.

Feijó e Mukai (2014) investigaram as crenças de dois alunos não descendentes de japoneses que estudavam japonês em uma universidade brasileira, focando na habilidade de produção oral. Os resultados da análise revelaram que os participantes acreditavam que a comunicação em japonês exigia proficiência linguística e pronúncia correta, e estavam constantemente temerosos de cometer erros, o que limitava sua participação em conversas na sala de aula. Em resumo, ficou claro que as crenças dos participantes afetavam suas ações na sala de aula e as estratégias de aprendizado da habilidade oral do japonês, além de influenciarem diretamente suas expectativas de sucesso ou fracasso na produção oral em japonês.

Mukai (2014) conduziu um estudo comparativo das semelhanças e diferenças em crenças, comportamentos e necessidades de escrever em japonês entre estudantes universitários brasileiros e portugueses, como um estudo de caso comparativo. Os participantes da pesquisa eram estudantes iniciantes de japonês, com 10 estudantes brasileiros e 10 portugueses.

Como pontos em comum, foi indicado que ambos os grupos acreditavam que, para se tornarem proficientes na escrita, era necessário aprender vocabulário e estruturas gramaticais. Além disso, muitos estudantes brasileiros e alguns portugueses consideravam a escrita como uma prática útil para construir e memorizar vocabulário e estruturas de frases, associando-a como um elemento prático e essencial no processo de aprendizado.

Entre as diferenças, os participantes brasileiros acreditavam que: 1) para falar e ouvir, era necessário primeiro escrever e ler; 2) as habilidades passivas de leitura eram pré-requisitos para as habilidades ativas de escrita e fala; e 3) as habilidades de leitura e escrita ajudavam a melhorar e facilitar as habilidades de produção e compreensão oral. Em outras palavras, a prática da escrita era considerada a base da comunicação oral, e a prática da escrita e leitura eram elementos essenciais nas fases iniciais de aprender japonês como língua estrangeira (LE).

Por outro lado, os participantes portugueses que estudam línguas estrangeiras no contexto do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR) acreditavam que: 1) as habilidades de produção e compreensão oral eram pré-requisitos para as habilidades de leitura e escrita; e 2) consideravam as habilidades de produção e compreensão oral mais importantes, levando em conta a utilidade da comunicação com outros. Ou seja, para escrever bem, acreditavam ser necessário ter habilidades de produção e compreensão oral sólidas, aprimoradas desde as fases iniciais do aprendizado de japonês como LE.

¹ Nesta seção, abordaremos apenas os resultados de algumas pesquisas apresentadas em artigos científicos, devido à limitação de espaço deste estudo. No entanto, é importante mencionar que há dissertações que investigam as crenças no contexto brasileiro de ensino-aprendizagem de língua japonesa, como as de Oliveira (2013), Nascimento (2013), Hayashi (2015) e Nishihata (2017), entre outras.

Abe (2019) conduziu um estudo quantitativo sobre as crenças dos aprendizes de japonês em instituições de ensino superior no Brasil (Universidade de Brasília-UnB, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) usando questionários. A análise revelou oito fatores (precisão/perfeição, participação do aluno e gerenciamento pelo professor, desejo de contato com o Japão e japoneses, dificuldade/especificidade do aprendizado e falta de confiança, suporte do professor, confiança no aprendizado, importância dos objetivos de aprendizado e aptidão dos brasileiros para o aprendizado de línguas estrangeiras). Com base nesses resultados, Abe (2019) concluiu que aqueles que desejam aprender sobre a língua oral, como pronúncia, compreensão oral e conversação, tendem a buscar aulas tradicionais ministradas pelo professor, enquanto aqueles que desejam aprender compreensão de leitura tendem a apoiar o aprendizado autônomo do aluno.

3 MÉTODO DE PESQUISA

3.1 Desenvolvimento do questionário

Esta pesquisa² é um estudo quantitativo que busca investigar as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês em relação ao aprendizado e uso do japonês, com foco em sua etnia (nipo-brasileiros ou não) e nível de proficiência em japonês. Para isso, foi aplicado um questionário *on-line* (quanto aos participantes e procedimentos, vide seção 3.2).

O questionário utilizado nesta pesquisa é composto por uma folha de identificação e 30 questões destinadas a explorar as crenças sobre o aprendizado e uso do japonês. A folha de identificação inclui itens como gênero, faixa etária, etnia (nipo-brasileiros ou não), nível de proficiência em japonês, histórico de aprendizado do japonês e experiência de aprendizado do japonês em instituições educacionais. Considerando o objetivo final deste trabalho de obter *insights* (percepções) para fornecer um suporte eficaz aos aprendizes que não conseguem alcançar o nível avançado, as questões do questionário foram extraídas de uma entrevista presencial realizada em 7 de novembro de 2023 em uma universidade pública em Tóquio, com uma estudante de pós-graduação brasileira residente no Japão, que está no nível avançado de japonês. Na entrevista, discutiu-se sua experiência de aprendizado e uso do japonês e as respostas foram categorizadas e codificadas. Todas as questões do questionário foram formuladas em português e seguiram uma escala de 5 pontos (1. Discordo totalmente - 5. Concordo totalmente).

3.2 Participantes e procedimentos para coleta de dados

O questionário foi aplicado *on-line* entre 15 de novembro de 2023 e um mês subsequente, direcionado a brasileiros residentes no Brasil e no Japão, cuja língua materna é o português e que estão aprendendo japonês. A divulgação da pesquisa foi conduzida com a colaboração de uma funcionária da Fundação Japão em São Paulo, bem como de conhecidos do autor, solicitando a cooperação dos participantes, o que resultou em 98 respostas obtidas. O perfil dos participantes está apresentado no Quadro 1.

² O presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa por meio da Plataforma Brasil e aprovado sob o nº. CAAE 77176123.9.0000.5540.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa (N=98).

Nacionalidade:	brasileiros: 98 participantes
Gênero	masculino: 54 (55,1%); feminino: 42 (42,9%); outros: dois (2%)
Idade (faixa etária):	18-19 anos: três (3,1%); 20-29 anos: 58 (59,2%); 30-39 anos: 25 (25,5%); 40-49 anos: sete (7,1%); 50-59 anos: três (3,1%); 60-69 anos: dois (2%)
Etnia (Nipo-brasileiros/ Não nipo-brasileiros):	nipo-brasileiros: 33 (33,7%) (2ª geração: sete (7,1%), 3ª geração: 17 (17,3%), 4ª geração: nove (9,2%)); não nipo-brasileiros: 65 (66,3%)
Nível de proficiência em japonês ³ (Autoavaliação):	básico (N3/N4): 56 (57,1%); intermediário (N2): 23 (23,5%); avançado (N1): 19 (19,4%)
Instituição de ensino de japonês:	universidade/pós-graduação: 49 (50%); escola de idiomas: 21 (21,4%); cursos abertos ao público: 12 (12,2%); autodidatismo: quatro (4,1%); professor particular: três (3,1%); outros: nove (9,2%)
Tempo de estudo de japonês:	menos de 1 ano: 11 (11,2%); 1 a 2 anos: 16 (16,3%); 3 anos: 19 (19,4%); 4 anos: 10 (10,2%); Mais de 5 anos: 42 (42,9%)
Tempo de residência no Japão:	menos de 1 ano: 14 (14,3%); 1 a 2 anos: 12 (12,2%); 3 anos: seis (6,1%); 4 anos: três (3,1%); Mais de 5 anos: 13 (13,3%); sem histórico de residência no Japão: 50 (51%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3 Procedimentos para análise de dados

Inicialmente, para esclarecer a questão de pesquisa 1 “Quais são as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre seu próprio aprendizado e uso de japonês?”, realizou-se uma análise fatorial exploratória das respostas obtidas no questionário da seção 3.1. Foi conduzido o teste de esfericidade de Bartlett para confirmar a validade da análise fatorial. Em seguida, considerando o critério de Kaiser-Guttman para fatores com valores próprios acima de 1 e o critério Scree para identificar quedas abruptas nos valores próprios, examinou-se o número de fatores. Conseqüentemente, identificou-se a possibilidade de cinco fatores. Posteriormente, para determinar os fatores considerados válidos, foram selecionados itens com base na medida de KMO, carga fatorial e validade de conteúdo. A análise foi realizada usando o método de máxima verossimilhança com rotação Promax em todas as possíveis combinações de fatores, buscando obter o resultado mais interpretável da análise fatorial. Especificamente, foram conduzidas três análises fatoriais utilizando o método de máxima verossimilhança com rotação Promax, em que os itens com carga fatorial absoluta inferior a 0.4 foram excluídos em cada análise. A partir disso, obteve-se um modelo de cinco fatores com 21 itens com cargas fatoriais absolutas acima de 0.4 (cf. Tabela 1).

Em seguida, para investigar a questão de pesquisa 2 “As crenças dos aprendizes brasileiros de japonês variam de acordo com a etnia (nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros) e o nível de proficiência em japonês?”, os participantes foram divididos em grupos nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros, bem como em grupos de níveis de proficiência básico/intermediário e avançado. Calculou-se a média dos escores de cada fator para cada grupo e, com um nível de significância de 5%, compararam-se as diferenças nas médias entre os grupos utilizando o teste de Welch (cf. tabelas 2 e 3). Optou-se pelo teste de Welch devido à capacidade de lidar com tamanhos de amostra diferentes e à falta de suposição de homocedasticidade. Para a análise estatística, foi utilizado o *software* HAD (versão 18).

³ Os níveis referem-se aos diferentes níveis de proficiência em japonês de acordo com o JLPT (*Japanese Language Proficiency Test*), que é um exame internacionalmente reconhecido para avaliar o domínio da língua japonesa por falantes não nativos. O N5 é o nível mais básico, enquanto o N1 é o nível mais alto do JLPT.

4 RESULTADOS

4.1 Questão de pesquisa 1: “Quais são as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre seu próprio aprendizado e uso de japonês?”

O primeiro fator foi composto por sete itens: “Acredito que estudei muito para atingir meu atual nível de japonês (.822)”, “Acredito que alcancei meu atual nível de japonês porque tive forte força de vontade (.710)”, “Acredito que alcancei meu atual nível de japonês graças aos meus esforços (.664)”, “Acredito que estou me esforçando para melhorar meu japonês atual (.592)”, “Comparo o japonês dos falantes nativos com o meu próprio japonês e conscientizo-me da gramática (.502)”, “Muitas vezes percebo meus próprios erros ao cometer equívocos em japonês (.490)”, “Ao produzir (falar/escrever) japonês, estou consciente da gramática (.467)”. Esses itens estão relacionados ao esforço e à monitoração no aprendizado de língua japonesa, portanto, foram nomeados como “Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas”.

O segundo fator foi composto por itens como: “Acredito que a gramática é necessária e importante para estudar japonês (.900)”, “Acredito que a gramática é necessária e importante ao produzir (falar/escrever) japonês (.794)”, “Acredito que a gramática é necessária e importante em qualquer nível (.670)”, “Ao estudar a gramática do japonês, estou ciente das diferenças entre minha língua materna e outras línguas estrangeiras (.561)” e “Acredito que ainda há coisas que não sei sobre o meu japonês (.463)”. Esses itens estão relacionados à necessidade da gramática no aprendizado, logo, foram nomeados como “Necessidade de gramática no aprendizado”.

O terceiro fator foi composto por itens como: “Gosto do Japão (.799)”, “Gosto da cultura japonesa (.730)”, “Tenho o desejo de trabalhar no Japão (.638)” e “Tenho o desejo de viver no Japão (.594)”. Esses itens estão relacionados ao interesse pelo Japão e à intenção de visitá-lo, portanto, foram nomeados como “Interesse pelo Japão e intenção de visita”.

O quarto fator foi composto por itens relacionados ao interesse em relação ao Japão e à comunidade nipo-brasileira, como “Gosto dos descendentes de japoneses (.876)”, “Gosto da comunidade *nikkei* (.793)” e “Gosto dos japoneses (.412)”. Por conseguinte, esse fator foi nomeado como “Interesse na comunidade nipo-brasileira”.

O quinto fator foi composto por itens relacionados à relação entre alcançar um nível avançado e a determinação e esforço pessoais, como “Acredito que aqueles que não conseguem atingir o nível avançado não têm forte força de vontade (.833)” e “Acredito que aqueles que não conseguem atingir o nível avançado não se esforçam o suficiente (.794)”. Esse fator foi nomeado como “Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço”.

Tabela 1. Análise fatorial das crenças sobre o aprendizado e uso de japonês.

Item		I	II	III	IV	V	Comu- nalidade	Média	Desvio Padrão
Fator I: Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas ($\alpha = .809$)									
Q28	Acredito que estudei muito para atingir meu atual nível de japonês.	.822	-.059	-.080	.031	-.078	.619	3.939	1.073
Q25	Acredito que alcancei meu atual nível de japonês porque tive forte força de vontade.	.710	-.079	-.019	.220	.058	.568	3.878	1.018
Q04	Acredito que alcancei meu atual nível de japonês graças aos meus esforços.	.664	-.057	-.098	.019	.207	.504	3.918	1.012
Q02	Acredito que estou me esforçando para melhorar meu japonês atual.	.592	-.055	.117	-.208	-.156	.383	4.296	0.922
Q22	Comparo o japonês dos falantes nativos com o meu próprio japonês e conscientizo-me da gramática.	.502	.268	.070	-.086	.035	.409	3.755	1.176
Q09	Muitas vezes percebo meus próprios erros ao cometer equívocos em japonês.	.490	-.085	-.054	-.030	.022	.225	4.071	0.876
Q10	Ao produzir (falar/escrever) japonês, estou consciente da gramática.	.467	.423	-.098	-.062	.065	.463	3.694	1.030
Fator II: Necessidade de gramática no aprendizado ($\alpha = .791$)									
Q15	Acredito que a gramática é necessária e importante para estudar japonês.	-.141	.900	-.112	.172	.029	.821	4.459	0.762
Q11	Acredito que a gramática é necessária e importante ao produzir (falar/escrever) japonês.	.017	.794	.070	-.040	.121	.645	4.347	0.898
Q20	Acredito que a gramática é necessária e importante em qualquer nível.	-.060	.670	.113	-.008	.017	.470	4.265	1.001
Q16	Ao estudar a gramática do japonês, estou ciente das diferenças entre minha língua materna e outras línguas estrangeiras.	-.063	.561	-.137	.026	-.162	.354	4.776	0.528
Q24	Acredito que ainda há coisas que não sei sobre o meu japonês.	.115	.463	.096	-.164	-.154	.304	4.857	0.476
Fator III: Interesse pelo Japão e intenção de visita ($\alpha = .742$)									
Q12	Gosto do Japão.	.119	-.046	.799	.168	-.107	.770	4.582	0.641
Q21	Gosto da cultura japonesa.	.003	.125	.730	.058	-.164	.614	4.602	0.654
Q13	Tenho o desejo de trabalhar no Japão.	-.154	-.042	.638	-.195	.118	.366	3.367	1.424
Q08	Tenho o desejo de viver no Japão.	-.106	-.021	.594	-.076	.240	.397	3.592	1.165
Fator IV: Interesse na comunidade nipo-brasileira ($\alpha = .764$)									
Q01	Gosto dos descendentes de japoneses.	-.048	.039	-.038	.876	.020	.764	4.122	1.018
Q06	Gosto da comunidade <i>nikkei</i> .	.007	-.028	-.037	.793	-.065	.587	3.980	1.121
Q29	Gosto dos japoneses.	.049	.001	.411	.412	.099	.509	4.020	0.974

Item	I	II	III	IV	V	Comu- nalidade	Média	Desvio Padrão
Fator V: Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço ($\alpha = .807$)								
Q18								
Acredito que aqueles que não conseguem atingir o nível avançado não têm forte força de vontade.								
	-0.008	-0.069	-0.025	.074	.833	.731	2.133	1.181
Q03								
Acredito que aqueles que não conseguem atingir o nível avançado não se esforçam o suficiente.								
	.068	.034	.128	-.106	.794	.673	2.449	1.202
Itens excluídos								
Q5							4.306	1.078
Ao produzir (falar/escrever) japonês para falantes nativos, preocupo-me se meu japonês está correto.								
Q7							4.612	0.683
Gosto da língua japonesa em si.								
Q14							4.857	0.380
Tenho o desejo de viajar pelo/para o Japão.								
Q17							2.010	1.171
Estou satisfeito(a) com o meu atual nível de japonês.								
Q19							4.306	1.097
Tenho o desejo de estudar no Japão / Vim/fui ao Japão para estudar.								
Q23							4.122	0.998
Ao produzir (falar/escrever) japonês para não falantes nativos, preocupo-me se meu japonês está correto.								
Q26							3.541	1.150
Acho que a gramática do japonês é difícil.								
Q27							4.357	0.815
Gosto de usar japonês.								
Q30							4.388	0.915
Gosto de estudar japonês.								
Correlação entre fatores								
	I	II	III	IV	V			
I	1.000	.243	.219	.086	.193			
II	.243	1.000	.208	.224	-.117			
III	.219	.208	1.000	.340	.156			
IV	.086	.224	.340	1.000	.193			
V	.193	-.117	.156	.193	1.000			

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2 Questão de pesquisa 2: “As crenças dos aprendizes brasileiros de japonês variam de acordo com a etnia (nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros) e o nível de proficiência em japonês?”

Para investigar a questão de pesquisa 2 “As crenças dos aprendizes brasileiros de japonês variam de acordo com a etnia (nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros) e o nível de proficiência em japonês?”, os participantes foram divididos em grupos *nikkei* e não *nikkei*, bem como em grupos de níveis básico/intermediário e avançado. As médias dos escores de escala para cada fator foram calculadas e o teste de Welch foi conduzido para comparar os resultados.

Os resultados da análise indicaram que houve uma diferença significativa apenas no fator III “Interesse pelo Japão e intenção de visita” ($t(96) = 2.060$, $p = .043$, $d = 0.428$) entre os grupos *nikkei* e não *nikkei* (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Resultados do teste Welch para diferenças entre *nikkeis* e não *nikkeis* nas crenças de aprendizado de japonês.

Fator	Não <i>nikkei</i>		<i>Nikkei</i>		Valor <i>t</i>	df	Valor <i>p</i>
	(n=65)		(n=33)				
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão			
Fator I: Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas	3.930	0.701	3.948	0.695	-0.123	64.945	.902
Fator II: Necessidade de gramática no aprendizado	4.603	0.487	4.418	0.677	1.396	49.295	.169
Fator III: Interesse pelo Japão e intenção de visita	4.146	0.774	3.818	0.730	2.060	67.943	.043
Fator IV: Interesse na comunidade nipo-brasileira	3.938	0.915	4.242	0.699	-1.828	81.185	.071
Fator V: Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço	2.254	1.122	2.364	1.040	-0.481	68.928	.632

Fonte: Elaborada pelo autor.

Por nível de proficiência em japonês, foram observadas diferenças significativas apenas nos fatores I “Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas” ($t(96) = -2.734$, $p = .010$, $d = -0.621$) e V “Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço” ($t(96) = -2.164$, $p = .040$, $d = -0.574$), mas não foram encontradas diferenças significativas nos fatores II “Necessidade de gramática no aprendizado”, III “Interesse pelo Japão e intenção de visita” e IV “Interesse na comunidade nipo-brasileira” (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Resultados do teste Welch para diferenças entre níveis de proficiência em japonês nas crenças de aprendizado de japonês.

Fator	Nível básico/intermediário		Nível avançado		Valor <i>t</i>	df	Valor <i>p</i>
	(n=79)		(n=19)				
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão			
Fator I: Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas	3.854	0.698	4.278	0.584	-2.734	31.639	.010
Fator II: Necessidade de gramática no aprendizado	4.615	0.455	4.232	0.823	1.962	20.719	.063
Fator III: Interesse pelo Japão e intenção de visita	3.978	0.785	4.276	0.682	-1.662	30.587	.107
Fator IV: Interesse na comunidade nipo-brasileira	3.983	0.844	4.281	0.891	-1.321	26.325	.198
Fator V: Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço	2.171	1.053	2.789	1.134	-2.164	25.974	.040

Fonte: Elaborada pelo autor.

5 DISCUSSÕES

5.1 Características das crenças dos aprendizes brasileiros de japonês

Foram identificados cinco fatores nas crenças dos aprendizes brasileiros de japonês (cf. Tabela 1). O fato de ser extraído o fator IV “Interesse na comunidade nipo-brasileira” e esse fator apresentar uma média em torno de quatro em todas as categorias de etnia (cf. Tabela 2) e em todos os níveis de proficiência (cf. Tabela 3) sugere uma característica marcante nas crenças desses aprendizes sobre o aprendizado. Isso indica que, ao aprender japonês, os aprendizes, de modo geral, percebem o ambiente como próximo da comunidade *nikkei*. Esse fator reflete o quadro teórico segundo o qual “as crenças sobre a aprendizagem de línguas são formadas sob a influência da educação e do ambiente social em seu país de origem, bem como de fatores culturais” (TAKII, 2022, p. 65, tradução nossa). Além disso, esse fator parece similar ao fator “Desejo de contato com o Japão e japoneses” identificado na pesquisa de Abe (2019).

O fator II “Necessidade de gramática no aprendizado” não apresentou diferenças significativas entre os grupos étnicos, nem entre os níveis de proficiência, mas as médias foram altas em todos os grupos étnicos e níveis de proficiência (cf. tabelas 2 e 3). Isso sugere que os aprendizes brasileiros de japonês acreditam que a gramática é necessária para estudar e produzir em japonês, independentemente da etnia e do nível de proficiência. Esse resultado reflete as crenças encontradas nas pesquisas de Mukai (2014; 2016) e Vasconcellos e Mukai (2021), indicando a importância da gramática no aprendizado de japonês para os aprendizes brasileiros.

Portanto, nas crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre o aprendizado, o interesse pelo Japão e pela comunidade *nikkei*, assim como a importância da gramática no aprendizado, são elementos especialmente significativos.

5.2 Características das crenças dos aprendizes *nikkei* e não *nikkei*, e dos níveis básico/intermediário e avançado

No que diz respeito às diferenças nas crenças entre os aprendizes *nikkei* e não *nikkei*, foi observada uma diferença significativa no fator III “Interesse pelo Japão e intenção de visita” (cf. Tabela 2). Além disso, a média desse fator foi mais alta para os aprendizes “não *nikkei*” do que para os “*nikkei*”. Portanto, pode-se inferir que os aprendizes não *nikkei* têm um interesse mais elevado pelo Japão e uma intenção mais forte de visitá-lo em comparação com os aprendizes *nikkei*. Em outras palavras, os aprendizes não *nikkei*, quando comparados aos *nikkei*, podem estar mais interessados na cultura e sociedade japonesas e podem estar aprendendo japonês com uma consciência maior de sua utilidade e intenção de visitar o Japão.

Não foram observadas diferenças significativas nos fatores “Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas” (fator I), “Necessidade de gramática no aprendizado” (fator II), “Interesse na comunidade nipo-brasileira” (fator IV) e “Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço” (fator V) entre *nikkei* e não *nikkei* (cf. Tabela 2). No entanto, em relação ao fator II, “Necessidade de gramática no aprendizado”, como a média dos aprendizes não *nikkei* foi maior do que a dos aprendizes *nikkei*, é possível que os aprendizes não *nikkei* sintam uma necessidade maior de aprender a gramática. Além disso, como a média do fator IV, “Interesse na comunidade nipo-brasileira”, foi maior para os aprendizes *nikkei*, é possível que esses aprendizes tenham um interesse e preocupação mais elevados em relação à sua própria cultura e sociedade.

Quanto aos níveis de proficiência em japonês (básico/intermediário e avançado), foram observadas diferenças significativas nos fatores “Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas” (fator I) e “Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço” (fator V) (cf. Tabela 3). As médias desses fatores foram mais altas para os aprendizes avançados do que para os básicos/intermediários. Portanto, é possível inferir que

os aprendizes avançados tendem a acreditar mais fortemente na importância do esforço e da vontade no aprendizado de línguas, em comparação com os básicos/intermediários. No entanto, como as médias do fator V foram relativamente baixas em relação aos outros fatores, são necessárias mais investigações para confirmar essas tendências.

Embora não tenha sido observada uma diferença significativa no fator “Necessidade de gramática no aprendizado” (fator II) (cf. Tabela 3), a média dos aprendizes avançados foi menor do que a dos básicos/intermediários, sugerindo que os aprendizes avançados não podem sentir tanta necessidade de aprender a gramática quanto os de níveis básicos/intermediários. Também, embora não tenham sido observadas diferenças significativas nos fatores “Interesse pelo Japão e intenção de visita” (fator III) e “Interesse na comunidade nipo-brasileira” (fator IV), as médias dos aprendizes avançados foram mais altas, o que sugere que o interesse pelo Japão e pela comunidade *nikkei* pode ser um dos fatores que contribuem para alcançar o nível avançado.

Com base no exposto, tornou-se evidente que, no aprendizado de japonês, o interesse pelo Japão e a intenção de visitá-lo são elementos importantes para os aprendizes não *nikkei*, enquanto o interesse em sua própria cultura e sociedade é crucial para os aprendizes *nikkei*. Ademais, alcançar o nível avançado está relacionado a uma forte determinação e esforço no aprendizado de idiomas, bem como à autonomia, além de um alto interesse na comunidade *nikkei* e no Japão. Portanto, como suporte aos aprendizes brasileiros de japonês que buscam o nível avançado, é desejável que esses fatores sejam considerados e conscientemente incorporados à orientação educacional em sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi realizada uma pesquisa quantitativa com questionários direcionados aos aprendizes brasileiros de japonês. Por meio de análises estatísticas, foram examinadas as crenças sobre o aprendizado e o uso de japonês, bem como as diferenças entre *nikkeis* e não *nikkeis* e entre diferentes níveis de proficiência em japonês. Foi possível identificar características das crenças sobre o aprendizado de japonês entre os aprendizes brasileiros residentes no Brasil e no Japão, incluindo não apenas aqueles matriculados em universidades e escolas secundárias, mas também aqueles que não estão associados a instituições educacionais. Isso representa uma contribuição significativa para o conhecimento existente.

Em resposta à questão 1 “Quais são as crenças dos aprendizes brasileiros de japonês sobre seu próprio aprendizado e uso de japonês?”, o estudo identificou, por meio de análise fatorial, cinco fatores nas crenças dos aprendizes brasileiros de japonês (cf. Tabela 1). A extração do fator “Interesse na comunidade nipo-brasileira” reflete as crenças dos participantes desta pesquisa, com médias consistentemente altas em todas as categorias étnicas e níveis de proficiência, sugerindo uma forte ligação percebida entre o aprendizado do japonês e a comunidade *nikkei*. Isso evidencia a influência do ambiente social e cultural na formação das crenças dos aprendizes. Além disso, a “Necessidade de gramática no aprendizado” foi considerada importante em todos os grupos étnicos e níveis de proficiência, indicando as crenças dos aprendizes brasileiros de que a gramática é essencial para aprender e produzir (escrever/falar) japonês. Portanto, o interesse pela comunidade *nikkei* e a importância da gramática são aspectos notáveis nas crenças dos aprendizes brasileiros de japonês.

Em resposta à questão 2 “As crenças dos aprendizes brasileiros de japonês variam de acordo com a etnia (nipo-brasileiros e não nipo-brasileiros) e o nível de proficiência em japonês?”, observou-se que essas crenças variam significativamente apenas em alguns fatores extraídos da análise fatorial. Com o teste de Welch, foi constatada uma diferença significativa entre aprendizes *nikkei* e não *nikkei* no fator III “Interesse pelo Japão e intenção de visita” (cf. Tabela 2). Ademais, em relação aos níveis de proficiência em japonês (básico/intermediário e avançado), foram observadas diferenças significativas nos fatores “Importância do esforço e consciência no aprendizado de línguas” (fator I) e “Relação entre alcançar o nível avançado e a vontade/esforço” (fator V) (cf. Tabela 3).

Isso indica que os aprendizes não *nikkei* mostraram um maior interesse pelo Japão e uma intenção mais elevada de visitá-lo em comparação com os *nikkei*, refletindo um maior envolvimento com a cultura japonesa e uma percepção mais aguçada de sua utilidade. Quanto aos níveis de proficiência, os aprendizes avançados tendem a atribuir uma importância maior ao esforço e à determinação no aprendizado de línguas em comparação com os básicos/intermediários.

Em resumo, o interesse pelo Japão e pela comunidade *nikkei* parece ser um fator contribuinte para alcançar o nível avançado, destacando a importância do interesse cultural e do esforço na aprendizagem do japonês e sugerindo que esses fatores devem ser considerados no apoio aos aprendizes em direção ao nível avançado.

Considerando-se que esta pesquisa se limitou à investigação por meio de questionários, é importante realizar estudos qualitativos sobre as diferenças nos métodos de aprendizado e nas crenças entre aprendizes *nikkei* e não *nikkei* no futuro. Além disso, dada a baixa taxa de aprendizes alcançando o nível avançado no Brasil, é crucial conduzir pesquisas qualitativas focadas nos aprendizes de japonês de nível avançado para entender mais a fundo as crenças sobre o aprendizado e uso do japonês. Especificamente, deseja-se explorar quais elementos estão faltando para os aprendizes de níveis básico/intermediário de japonês e quais são os fatores de sucesso para os aprendizes em estágios avançados do idioma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa do DF (FAPDF) pelo apoio financeiro fornecido para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABE, S. Diversidade nas crenças de aprendizagem de línguas de estudantes de japonês em instituições de ensino superior no Brasil. *Program & Proceeding*. International Conference on Social, Linguistic and Human Mobility and Integration (EJHIB2019), Japan House São Paulo, 2019.
- ALBUQUERQUE, J. M. de. *Fatores motivacionais dos estudantes brasileiros de japonês como LE*. 2012. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Japonês) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas. Linguagem & Ensino*, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- BARCELOS, A. M. F. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n.2, p. 145-175, 2006.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v.7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BRITO, L. G. F. de. *Breve reflexão sobre seis estudantes que abandonaram o curso de graduação e licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília: estudo de caso*. 2013. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Japonês) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Câmara dos Deputados comemora, em sessão solene, 115 anos da imigração japonesa ao Brasil, 2023*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/971338-CAMARA-DOS-DEPUTADOS-COMEMORA,-EM-SESSAO-SOLENE,-115-ANOS-DA-IMIGRACAO-JAPONESA-AO-BRASIL>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- DEWEY, J. *Experience and Education*. Nova York: Macmillan, 1938.
- FEIJÓ, F. R.; MUKAI, Y. Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à habilidade de fala em língua japonesa. *Estudos Japoneses*, n. 34, p. 46-70, 2014.
- FUKUSHI, J. M.; MUKAI, Y. Crenças sobre a habilidade de fala dos aprendizes da língua japonesa como LE (língua estrangeira) em um curso universitário: uma análise da metodologia de ensino. *Estudos Japoneses*, n. 32, p. 77-100, 2012.
- FUNDAÇÃO JAPÃO. *Kagai no nihongo kyôiku no genjô – 2021 nendo kaigai nihongo kyôiku kikan chôsa yori (Situação atual do ensino de japonês no exterior: resultados da pesquisa de instituições de ensino de*

- japonês no exterior para o ano fiscal de 2021*), 2023. Disponível em: <https://www.jpf.go.jp/j/project/japanese/survey/result/dl/survey2021/all.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- FUNDAÇÃO JAPÃO; JAPAN EDUCATIONAL EXCHANGES AND SERVICES. *Nihongo nôryokou shiken JLPT: tôkei data (Teste de proficiência em japonês -JLPT: dados estatísticos)*, 2003. Disponível em: <https://www.jlpt.jp/statistics/archive/202301.html>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- HAYASHI, R. K. S. *Não existe material ideal, né?: crenças, experiências e ações sobre o material didático de língua japonesa (como LE) na universidade*. 2015. 235f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- HORWITZ, E. K. Using student beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. *Foreign Language Annals*, v. 18, n. 4, p. 333-340, 1985.
- HORWITZ, E. K. Surveying student beliefs about language learning. In: WENDEN, A. L.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner strategies in language learning*. London: Prentice-Hall, 1987. p. 119-129.
- HOSENFELD, C. Evidence of emergent beliefs of a second language learner: a diary study. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. (Ed.). *Beliefs about SLA: new research approaches*. New York: Springer Science+Business Media, LLC, 2003. p. 37-54.
- IMMIGRATION SERVICES AGENCY. *Reiwa 5nen sue genzai ni okeru zairyû gaikokujinsû ni tsuite (Relatório sobre o número de residentes estrangeiros no final de 2023)* (Comunicado à imprensa de 22 de março de 2024), 2024. Disponível em: https://www.moj.go.jp/isa/publications/press/13_00040.html. Acesso em: 29 mar. 2024.
- KAWAGUCHI, Y.; YOKOMIZO, S. *Seichô suru kyôshi no tame no nihongo kyôiku guidebook (Guia de ensino de língua japonesa para professores em crescimento)* (Parte II). Tóquio: Hitsuji Shobo, 2005.
- MORALES, L. M. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira*. 2008. 313f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MUKAI, Y. Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos. *Estudos Japoneses*, v. 31, p. 193-219, 2011.
- MUKAI, Y. Crenças e necessidades em relação à escrita em japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses. *Linguagem & Ensino*, v.17, n. 2, p. 391-440, 2014.
- MUKAI, Y. As pesquisas em crenças no ensino-aprendizagem de japonês como LE no Brasil. *Estudos Japoneses*, v. 36, p. 169-183, 2016.
- MUKAI, Y.; CONCEIÇÃO, M. P. Aprendendo língua japonesa: crenças, ações e reflexões de uma aluna brasileira de japonês como língua estrangeira. In: MUKAI, Y.; JOKO, A. T.; PEREIRA, F. P. (Org.). *A língua japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem*. São Paulo: Pontes, 2012. p. 111-154.
- NASCIMENTO, E. T. do. *O professor de língua japonesa (LE): crenças e ações de três professores universitários com trajetórias diferenciadas de aquisição/aprendizagem (LM, LH e LE)*. 2013. 186f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- NISHIHATA, S. *Não me considero um aprendiz autônomo em relação à língua japonesa: crenças e ações de aprendizagem de estudantes com baixo aproveitamento acadêmico*. 2017. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- OLIVEIRA, A. W. M de. *É assim que eu escrevo: estratégias de aprendizagem de kanji e crenças de professores de língua japonesa em formação*. 2013. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- SARUTA, S. Koritsu kankyô ni okeru nihongo gakushû dôki, gakushû kon'nando: finrandojin nihongo gakushûsha o taishô ni (Motivação e dificuldades de aprendizado do japonês em um ambiente de isolamento: um estudo com aprendizes finlandeses de japonês. *Nihongo Kyôiku (Ensino de Língua Japonesa)*, n. 185, p. 46-61, 2023.
- TAKII, M. *The language learning and belief transformation of international students: a qualitative study on the learning motivation of international Thai students*. Tóquio: Coco, 2022.

- VASCONCELLOS, L. F.; MUKAI, Y. Crenças sobre as dificuldades dos alunos no aprendizado de japonês como língua estrangeira (Beliefs about students' difficulties in learning Japanese as a foreign language). *Revista Hon no Mushi: Estudos Japoneses Multidisciplinares*, Manaus, v. 5, n. 9, p. 47-71, 2021.
- WENDEN, A. L. What do Second-language learners know about their language learning? A second look at retrospective accounts. *Applied Linguistics*, v. 7, n. 2, p. 186-205, 1986.
- WENDEN, A. L. An introduction to metacognitive knowledge and beliefs in language learning: Beyond the basics. *System*, v. 27, n. 4, p. 435-441, 1999.
- WENDEN, A. L. How to be a successful language learner: Insights and prescriptions from L2 Learners. In: WENDEN, A. L.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner strategies in language learning*. London: Prentice-Hall, 1987. p. 103-117.
- YONEYAMA, A. *Kenkyusha dictionary of English language learning and teaching* (New Edition). Tóquio: Kenkyûsha, 2011.
- YOSHIKAWA, M. E. I. Brajiru no nihongo kyôiku no genjô (Situação atual do ensino de japonês no Brasil). In: FUKUSHIMA, S.; YOSHIKAWA, M. E. I. (Org.). *Nanbei ni okeru nihongo kyôiku no genjô to mirai: nikkei shakai no potential (O presente e o futuro do ensino de japonês na América do Sul: potencial da comunidade nikkei)*. São Paulo: Centro Cultural da Fundação Japão em São Paulo, 2018. p. 37-60.